

06/060
22/9/97
60

7

Festa da árvore ou da madeira?

ROGÉRIO ROCCO

Há 32 anos, em fevereiro de 1965, o presidente Castello Branco decretava oficialmente a "festa das árvores", estabelecendo o dia 21 de setembro como data comemorativa para a homenagem a esta espécie que, em território brasileiro, é vasta em quantidade e diversidade. Não havia à época a consciência que se formou na atualidade de preservação das nossas florestas, nem mesmo os mecanismos jurídicos e legais para o exercício da cidadania ecológica.

Pode-se afirmar que foi a partir da década de 70 que a preocupação ambiental começou a exceder os nichos acadêmicos. Porém, no Brasil, as questões da natureza relacionam-se com as perspectivas da exploração de riquezas desde o advento do descobrimento, quando os europeus saqueavam a madeira, o ouro e outros minérios nacionais.

A conjuntura atual é outra, ressaltando alguns aspectos que se cristalizaram com o tempo. O meio ambiente deixou de ser uma preocupação isolada, mobilizando praticamente todos os setores da sociedade mundial, desde economistas e trabalhadores até empresários e estadistas. As Nações Unidas incorporaram muitas preocupações dos ecologistas, materializadas em duas conferências internacionais que definiram normas para o desenvolvimento através de convenções e tratados específicos.

A motivação não é simplória nem tampouco romântica. É fato que o modelo de desenvolvimento concentrado, e baseado na utilização desenfreada dos recursos naturais não renováveis, tem causado reações perigosas no meio ambiente, ameaçando a vida no planeta, principalmente para as futuras gerações. Em recente relatório, denominado "Estado das Florestas no Mundo-1997" a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação) faz uma séria constatação: "Entre 1990 e 1995 desapareceram 65 milhões de hectares de florestas nos países em desenvolvimento."

No Brasil, a situação das florestas não é nada animadora. Apesar dos mecanismos legais de proteção, criados com o estabelecimento de unidades de conservação (APAs, parques, reservas etc.), a exploração indiscriminada da natureza com o objetivo do lucro imediato vem derrubando as esperanças num futuro saudável. E não se trata de profecia alarmista, visto que os recursos da floresta úmida do Sudeste da Ásia esgotaram-se, gerando nova pressão dos interesses internacionais sobre os recursos florestais da Amazônia.

Aparentemente aleatório a esta situação, o Governo do presidente Fernando Henrique abdica de uma política para o meio ambiente, esvaziando os órgãos responsáveis pela fiscalização das unidades brasileiras de conservação e desviando os recursos financeiros do meio ambiente para a área de irrigação. Dessa forma, trata pontualmente de questões que afetam todo o território nacional, num misto de casuismo e omissão.

E às vésperas da semana da árvore, o Governo lança um programa de concessão de terras públicas da União para a exploração industrial de madeira em 39 unidades de conservação, sendo 24 delas na Região Norte, somando um montante de mais de 12 milhões de hectares de florestas. Os impactos desta medida são reconhecidos pelo próprio Ibama, que em relatório de impacto ambiental da concessão de uso da Floresta Nacional — Flona de Tapajós, localizada em Santarém/Pará, identifica que "os principais componentes ambientais que deverão sofrer estes impactos são: biodiversidade; espécies animais de interesse (raras, endêmicas, ameaçadas de extinção); cadeia alimentar (redução da população de cada espécie); e extrativismo". O relatório complementa, ainda, que haverá outros impactos "provenientes (...) das atividades predatórias da população que deverá se instalar na região (...)"

Apesar da constatação do próprio órgão fiscalizador, o Governo federal deu seguimento à medida e abriu o processo de licitação para a concessão do uso da Flona de Tapajós. Dispensou, no critério de escolha do vencedor, a capacitação técnica elegendo como único critério a maior oferta no preço.

Três décadas após a iniciativa do presidente Castello Branco em criar a "festa das árvores", não imaginava ele que as coisas sofreriam tamanha modificação. Com a decisão de licitar a concessão de uso de 39 florestas nacionais para a exploração industrial, o presidente Fernando Henrique inaugura e institucionaliza a "festa dos madeireiros". Resta indagar se a comemoração perdurará pelos próximos 30 anos, ou se seremos mais ágeis que os asiáticos na devastação de nossa vegetação.

ROGÉRIO ROCCO é coordenador do Movimento de Ecologia Social — Os Verdes.